

**MOREIRA-ALMEIDA, A; COSTA, M. A. e COELHO, H. S.**  
**Ciência da vida após a morte.** Belo Horizonte: Ampla,  
2023. 98 p. ISBN 978-65-84793-22-4.

José Maurício de Carvalho \*

O prefácio da obra é de Robert Cloninger, Professor da Universidade de Washington e em Saint Louis. Ele resumiu o objeto do livro como o estudo da sobrevivência da consciência após a morte, afirmando que (p. 4): “os autores examinam as evidências sobre esse tema de maneira concisa e equilibrada.” O assunto, ele avalia, é o mais antigo e amplo mistério da nossa existência. Atualmente o assunto foi ressignificado porque (p. 5): “está bem documentado que os aspectos físicos, emocionais, sociais e cognitivos saudáveis são fortemente promovidos por uma compreensão da vida que admite a realidade das experiências autotranscendentes.” A vida consciente foi definida como a (p. 6): “experiência subjetiva, com capacidades criativas distintas que surgiram exclusivamente no *homo sapiens* há mais de cem mil anos.” Assim, a consciência não se restringe aos movimentos do cérebro. Cloninger ressaltou a intenção dos autores em tratar o assunto a partir de evidências científicas e resumiu as novas descobertas (p. 6): “somos mais do que matéria, então aprender a integrar nossos hábitos para estar de acordo com nossos objetivos e valores é o que promove a nossa saúde e nos dá significado e propósito.”

O capítulo inicial recupera a importância de se ter um propósito para viver, no sentido dado por Viktor Frankl. Aquele filósofo e psiquiatra chamou atenção para a relevância de se possuir um sentido existencial transcendente que

---

Resenha submetida em 10 de agosto de 2023 e aprovado em 29 de agosto de 2024.

\* Doutorado em Filosofia pela Universidade Gama Filho. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Graduado em Psicologia, Filosofia e Pedagogia pela Universidade Federal de São João Del Rei. Brasil. ORCID: 0000-0002-3534-5338. E-mail: mauricio@ufsj.edu.br.

proteja da neurose noogênica e melhore a saúde mental em geral. Os autores observaram, de forma conexa, que, apesar dos preconceitos da academia, há estudos sérios sobre a sobrevivência do espírito depois da morte, reconfigurando o diálogo com a Teologia, com a Filosofia e a Ciência. Nesse último campo eles reconhecem que (p. 14): “nenhuma evidência isolada é suficiente para provar uma hipótese, pois a prova vem da convergência de uma ampla variedade de boas evidências que dão suporte umas às outras.” No caso, os estudos mencionados oferecem evidências da persistência, após a morte física (p. 14): “da memória e do caráter que compõem nossa identidade pessoal.” Diante desses estudos, os autores afirmam que as principais contradições à essa tese vêm de preconceitos, como o de uma revista da *Associação Americana de Psicologia* (APA) que publicou uma revisão favorável aos fenômenos parapsicológicos e um artigo criticando a revisão sem apresentar evidência contra a tese (id., p. 15): “uma reação acadêmica a essa revisão foi publicada, não oferecendo basicamente nenhum contra-argumento, mas sim alegando um impedimento *a priori* à existência da evidência.”

O capítulo seguinte mostra a histórica associação entre sobrevivência do espírito e espiritualidade, transcendência e sagrado. Ali se diz que a meditação filosófica, quando aponta o transcendente (p. 17) “envolve a expectativa ou certeza de que os seres humanos sobrevivem à morte corpórea, como proposto, por exemplo, por cristãos, muçulmanos, hindus, budistas, judeus, a antiga tradição greco-romana e pelos povos nativos da África e das Américas.” Trata-se de questão presente nas diferentes religiões, entre os sábios e líderes espirituais da humanidade. Em várias culturas temos notícias do assunto (p. 19): “Do Egito à Índia, da Babilônia à Grécia, no zoroastrismo, no cristianismo e no islã, conseqüências morais relacionadas a uma vida futura parecem ser tão ubíquas quanto o próprio conceito de vida após a morte.” Embora os argumentos da sobrevivência da alma tenham aparecido em diferentes religiões, na tradição filosófica foi Platão quem fez o ajuste fino do tema, associando a sobrevivência ao pensar racional (p. 19): “Em seu Fédon, Platão argumenta que apenas substâncias intelectuais poderiam interagir com as ideias e formas, e uma vez que só pensamos por meio das ideias/formas, uma parte de nós.” Ao enfatizar a relação das ideias com temas universais, o intelecto ganha um distanciamento dos fatos

sociais e um sentido próprio (id., p. 20): “Platão e Aristóteles cunharam as estruturas do pensar racional, e ambos discutiram sobre a natureza espiritual dos seres humanos exclusivamente a partir de argumentos racionais.” Na herança filosófica moderna Immanuel Kant recusou a ideia de contato com os mortos, embora admitisse a sobrevivência do espírito. E a filosofia existencial acolheu recentemente, no sentido transcendente, elementos para o enfrentamento da finitude, enquanto o niilismo produz modificações danosas do humor. Os rumos do debate filosófico nos últimos duzentos anos (p. 22): “conduziu-nos a um estado de desconfiança quanto a argumentos metafísicos sobre a imortalidade da alma, e embora jamais propriamente provados falsos, esses argumentos metafísicos foram ultimamente rejeitados como insuficientemente baseados na realidade empírica.”

O capítulo terceiro aprofundou o problema do capítulo anterior. Nele se resumiu os argumentos contrários à sobrevivência pessoal após a morte. Um desses argumentos vem da neurociência que associa o espírito à atividade química e elétrica do cérebro, então (p. 24): “se o cérebro é condição necessária para a mente, esta não pode existir uma vez que o cérebro está morto.” Na academia prevalece essa interpretação, embora exista neurocientistas e psicólogos como Charles Sherrington e Wilder Penfield que consideram diversamente que (p. 24): “a mente está além do cérebro, e não poderia ser explicada apenas por ele.” Wilder Penfield, em seu livro *Mystery of Mind* diz textualmente que o cérebro não é produto da mente, aproximando-se da teoria da realidade de Nicolai Hartmann. Das teses contra o fisicalismo a de Schiller sobre a parcimônia ganhou força na academia. Existe ainda, autores como John Ioannidis e Thomas Kuhn que mostram que os avanços da ciência se dão com mudanças de paradigmas. Um outro argumento que exclui a sobrevivência do espírito afirma que a ciência confirma o fisicalismo e que (p. 30): “somente os supersticiosos manteriam essas crenças, pois não levariam em consideração outras possíveis explicações. Os investigadores dos fenômenos psíquicos [...] eram crentes e não se empenhavam em excluir fraudes.” Porém, esse argumento não considera que o fisicalismo é uma metafísica dogmática. No entanto, isso não significa que o fenômeno da sobrevivência não possa ser estudado seriamente como fizeram, entre outros (p. 30): “William James, Alfred Russell Wallace,

Cesare Lombroso, William Crookes, Oliver Lodge, Pierre Janet, Carl Jung, Theodore Flournoy e Hans Eysenck.”

O capítulo quarto apresenta indicações da sobrevivência do espírito, pois nenhuma ciência (p. 35): “baseia-se numa única e extremamente persuasiva evidência.” Vemos que a metafísica materialista excluiu, de antemão, o problema. Sua continuidade pede o exame da identidade pessoal, uma vez que não temos acesso direto a outras mentes, mas as intuímos do comportamento das pessoas. Se admitimos que assim seja, a identidade de alguém pode ser identificada (p. 37): “através de um conjunto suficientemente rico de suas qualidades: ideias, conhecimento, desejos, modos de pensar e sentir, etc.”

Podemos dizer que o capítulo que se segue é o núcleo da obra e traz evidências da sobrevivência da consciência após a morte. Essencialmente as provas consistem no estudo controlado do trabalho dos médiuns, no relato de pessoas que passaram por experiências de quase morte (EQM) e nos casos registrados de reencarnação. No que se refere ao primeiro grupo de provas, os autores mostram que os trabalhos dos médiuns foram acompanhados por especialistas e eles atuaram em condições controladas. Os pesquisadores estudaram vários médiuns entre os quais (p. 41): “a Sra. Piper que foi investigada contínua e rigorosamente por quase 25 anos por muitos cientistas, incluindo Sir Oliver Lodge, James Hyslop e o cético caçador de fraudes Richard Hodgson.” Outro médium mencionado foi Chico Xavier, figura conhecida no Brasil que (p. 44): “durante décadas realizou sessões espíritas duas vezes por semana, testemunhadas por dezenas ou centenas de pessoas, nas quais costumava escrever automaticamente cerca de seis cartas por sessão, atribuídas aos parentes dos falecidos presentes.” Esses médiuns apresentaram muitos casos com sérios indícios da sobrevivência da identidade pessoal. O segundo grupo de provas reúne experiências de quase morte. Num estado em que o corpo se encontra praticamente morto, a pessoa dá provas de que tinha consciência do que estava a sua volta mesmo quando nada indicava isso (p. 51): “frequentemente, os indivíduos que vivenciam uma EQM se sentem profundamente transformados pela experiência, ressignificam e encontram diferentes *insights* para suas vidas. Ainda, o medo da morte costuma diminuir e a crença na vida após a morte, aumentar.” As explicações alternativas, não parecem melhores que admitir a

independência do espírito. O último grupo reúne casos em que a pessoa mostra consciência de vidas passadas relatando coisas comprovadas por terceiros. E, sob situações controladas, pesquisadores de diversas partes do mundo, verificaram o fenômeno (p. 59): “até o momento mais de 2500 casos de crianças pequenas que alegavam se lembrar de uma vida passada foram registrados nos arquivos da Divisão de Estudos da Personalidade da Universidade da Virgínia.” Esse fenômeno foi observado mesmo em regiões onde não há a crença na reencarnação. E não se pode considerar esses fenômenos como transtornos psiquiátricos, pois esses desorganizam a personalidade o que não ocorre nos casos de EQM, nem de mediunidade ou de alegadas memórias de vidas passadas.

O capítulo seguinte foca em explicações alternativas à sobrevivência da consciência mencionadas no capítulo anterior. Ali se diz que a fraude se deve: à interpretação errada dos dados, à percepção extra-sensorial ou da sobrevivência do indivíduo que se julgava morto. Porém, esses argumentos não invalidam estudos controlados, sendo que (p. 68): “a evidência é mais forte quando resultados semelhantes resultam de estudos diferentes, usando métodos diferentes e realizados por pesquisadores diferentes – isto é, frequentemente chamado de triangulação.” É difícil tantos casos serem considerados falsos, pois os pais não teriam condições de preparar tantas fraudes. Quanto a considerar a reencarnação um fenômeno paranormal é uma hipótese pouco plausível, pois pessoas que vivem essa situação não mostram capacidade paranormal em outros momentos. Essas explicações alternativas são piores que admitir a reencarnação.

O sétimo e último capítulo considera as barreiras culturais contra a sobrevivência do espírito. O que dizem os autores é que essas barreiras não nascem de estudos controlados, mas de preconceitos. Os autores recordam que desde o século XIX a hipótese da sobrevivência do espírito é rejeitada na academia com base na filosofia positivista (p. 80): “O maior empecilho a uma boa análise, expresso em afirmações como: a ciência requer ou já provou o materialismo, e isso já é sabido por todas as pessoas bem instruídas.” No entanto, observam os autores, a noção atual de evidência e verdade científica não se esgotam nos pressupostos positivistas, embora não se tenha instalado na academia outro paradigma. Entretanto (p. 82): “fenômenos espirituais [...] clamam por mais sérias investigações, bem como maior abertura e coragem para

aceitar as radicais implicações de que se revestem para o entendimento da natureza e de nós mesmos.”

A conclusão da obra pede duas atitudes, a primeira é (p. 83): “desconstruir pressupostos filosóficos, históricos e metodológicos fisicalistas e antiespiritualistas equivocados que prejudicam uma consideração e análise justas da hipótese da sobrevivência.” E a outra é a necessidade de examinar imparcialmente as evidências da sobrevivência da consciência.

Sobre a obra destaque-se o esforço dos autores por fazer uma análise objetiva do atual estado da arte. Há, contudo, ajustes a fazer. Uma análise crítica do conceito transcendência em Filosofia não aponta para a sobrevivência da consciência pessoal após a morte, apenas para a diferença entre matéria e espírito. Melhor ainda, na História da Filosofia, quando mencionamos transcendência nos referimos à procura por uma verdade ou realidade fundante além do imediato, genericamente o Ser. Nesse processo não se alcança uma solução definitiva. No entanto, há avanços, como a distinção entre matéria e espírito, assunto dos fenomenólogos do último século, notadamente Nicolai Hartmann. Os autores corretamente perceberam que os preconceitos com o assunto se devem a adesão da academia à filosofia positivista. Na Psicologia ou no âmbito da espiritualidade judaica, de forma conexa ao tema, reconhecer um propósito ou sentido transcendente como fizeram os autores coincide com a atualização feita por Viktor Frankl.